
PODER E HISTÓRIA , UMA ANÁLISE FOUCAULTIANA.

Aluno: Jomar Fernandes Vieira Júnior
Professor: José Nilton Conserva de Arruda
Universidade Estadual da Paraíba

Postula-se uma apreciação crítica do fenômeno “poder”, numa perspectiva filosófica, a partir das fundamentações analíticas do pensador francês Michel Foucault (1928- 1984), que ao contrário dos pensadores da tradição não tomará o “poder” por fundamentos teóricos, entretanto, por bases analíticas. Foucault (2006) não possui pretensões de desenvolver uma teoria ou um postulado sobre o poder, mas enfatizar de maneira analítica sua constituição e seus desdobramentos efetivos nos países ocidentais. Inversamente aos teóricos da tradição, que percebem o poder do ponto de vista de uma macroestrutura- aparelho de Estado-, representado pelo bloco político-jurídico, Foucault (2006) o observará pelo ângulo infra-estrutural, quando estará pautado sobre as micro relações existentes no cerne social. Tais relações são representadas pelos discursos, pelos conhecimentos, pelas instituições de “saber-poder”, pelas relações interpessoais, assim como, pelas relações interinstitucionais, as quais formam uma grande rede de poder através dos embates, dos confrontos, dos consórcios e das alianças, que Foucault (2006) nomeará de “estratégia global” ou “estratégia de conjunto”. Serão observadas as conexões existentes entre as teorias tradicionais, engendradas pelos pensadores políticos do sistema liberal, como igualmente, a do seu maior expoente de oposição, as teorias formuladas por Karl Marx; ambas confrontadas nas análises foucaultianas. Foucault (2006) confere maior relevância aos resultados efetivos das ações exercidas pelo poder, ao que diz respeito, aos conhecimentos elaborados pelos “dispositivos de saber-poder”, que conferem, dentro das relações de poder, a disseminação de tais conhecimentos convertidos em “verdades”, na promoção do controle social, assim como, na disposição dos indivíduos, na tessitura social, relativos às determinações e classificações produzidas por tais canais, possibilitando as construções identitárias, por conseguinte, subjetivas dos sujeitos.

Palavras-chave: Poder, saber, sistema.

Para analisarmos o poder do ângulo e perspectiva foucaultiana, teremos que ampliar o conceito singular de poder ao seu plural poderes. Uma vez, que “o poder está em toda parte; não porque englobe tudo, e sim porque provém de todas as partes” (Foucault, 1985, p. 86;), ou seja, que o poder encontra-se presente em todos os níveis da sociedade, desde as relações interpessoais “as técnicas e táticas de dominação” (Foucault, 2006, p.186); as quais são exercidas dentro das relações efetivas em um determinado complexo sócio-político-cultural existente.

Teremos, igualmente, que refutar em nossas análises alguns conceitos que atenuem todo mecanismo subjacente a tal evento, os quais permeiam usualmente às explicações tradicionais do referido fenômeno, que, ao contrário, como ficará claro na análise de Foucault, se exerce de modo conflitante e violento no cerne da sociedade, representados por embates, confrontos, adesões, transformações, reformulações, daquilo que Foucault (2006) denomina: “dispositivos estratégicos de poder” *- presentes e atuantes em tais relações sociais.

Destarte, é aconselhável em uma análise de o fenômeno poder, abolir alguns conceitos atrelados às teorias tradicionais, tais como; modelos analíticos referentes ao “campo simbólico ou ao campo das estruturas significantes” (Foucault, 2006, p. 5) ; quando nega o caráter violento de um determinado fenômeno, o substituindo pelo dialogo ou pela comunicação. Do mesmo modo, deve ser evitado o modelo dialético - Hegel - que unifica as contradições existentes em um determinado sistema, enquanto relação de força.

Não devemos conceber o poder provindo ou de modo consubstancial ao aparelho Estatal, comumente teorizado pela tradição como um fenômeno “delimitado pela soberania jurídica e pela instituição estatal” (Foucault, 2006p. 188), aos moldes do “Leviatã” de Hobbes* ou ao modelo roussauneano*; quando ambos estabelecem o “contrato social” como forma de exercer o poder a partir dos limites estatais de maneira descendente e predominante, portanto, autoritária e soberana.

Foucault (2006) atenta-nos ao equívoco realizado de maneira análoga na teoria marxista; de conferir ao Estado estatuto de soberania, desprezando as relações de poder existentes na capilaridade das sociedades. Deste modo, vemos por um lado delinear a respeito do conceito de poder a oposição de Foucault (2006) aos teóricos da tradição,

assim como, a respeito da teoria elaborada por Karl Marx condizente a dominação de classe exercida por uma hegemonia detentora dos meios de produção, que se mantêm estável por intermédio e disseminação de uma “ideologia” engendrada a esta finalidade.

A oposição foucaultiana estará num primeiro estágio direcionado ao aspecto conferido e ao privilégio atribuído ao aparelho de Estado, como referência de poder efetivo em uma determinada sociedade. Quando se encontrará presente, tal afirmação, em ambas as teorias- capitalista e marxista- atribuídas teoricamente como opostas, entretanto, análogas em sua procedência e fundamento: o sistema burguês liberal. Foucault (2006) demonstrará e afirmará a procedência e a afinidade entre estas, virtualmente opostas, que comumente, na definição teórica tradicional do poder, imputará ao Estado estatuto de soberania, portanto, centralizador e detentor do poder.

Em um segundo enfoque, Foucault (2006) direcionará sua oposição à defesa de Marx, com relação ao valor atribuído àquilo que equivocadamente representará uma verdade nesta teorização do poder, ou seja, de uma “oposição virtual a alguma coisa que seria a verdade” (Foucault, 2006, p. 7), exaustivamente utilizada no modelo tradicional e nas teorias marxistas, quando o poder é concebido e compreendido ao nível de super estrutura - aparelho de Estado – e o qual corresponderia a tal verdade, constituído, neste sentido, um maniqueísmo político simbólico, quando na representação hegemônica coexistirá seu contrário, sempre em desvantagem, como representação negativa de um poder constituído. Neste caso, a compleição política do modelo capitalista será tomada como positivo; representando o poder, e, deste modo, serão desconsideradas as formas mais finas e capilares do poder propriamente dito.

Para Foucault (2006) o poder não deve ser analisado pelo viés do Estado jurídico-político - como um fenômeno descendente, como representação de uma soberania -, deste modo se estará afirmando que o poder é determinado pela macro-estrutura do Estado, e, conseqüentemente, se encontra num nível acima das relações capilares dos acontecimentos em uma dada sociedade, assim sendo, se estará incorrendo a vários equívocos inevitáveis em tais constatações, quando poderemos apontar três destes erros:

O primeiro corresponderá: que o poder é repressivo e possui caráter de interdito, de recusa e /ou de proibição por encontrar-se em posição privilegiada a determinar normas de maneira impositiva no nível acima das correlações de forças dos indivíduos,

sendo apenas representado ou inferido ao nível da regra e da lei - O segundo engano estará em concebê-lo como um direito de posse, como uma mercadoria, do qual pode ser alienado, transferido ou herdado- passível de trocas como um bem ou uma propriedade ao molde econômico. Portanto, todos aqueles que se encontram sob as normas de um contrato social cederiam ou apropriar-se-iam do poder para formar uma soberania política, uma vez que, o poder estaria em um nível de ser arrebatado por alguns e privado para outros.

Para Foucault (2006, p. 175), esta noção equivocada se apresenta tanto na concepção conferida pelos teóricos da tradição, assim como nos marxistas “De modo geral, em um caso temos um poder político que encontraria no procedimento de troca, na economia da circulação de bens o seu modelo formal (...) no outro (...) teria na economia razão de ser histórica”. Quando ambas negam as correlações de forças no âmbito interpessoal das ações que condicionam qualquer aparição ao nível macroestrutural.

O terceiro equivoco corresponderá à atribuída àquilo que o poder necessita para manter-se funcionando em sua mecânica eficiente: “o segredo”. “O poder seria aceito se fosse inteiramente cínico? O segredo para ele é da ordem do abuso; é indispensável ao seu funcionamento” (Foucault, 1985, p. 83). Mascaram-se as relações de poder no âmbito social e capilar, atribuindo seu funcionamento a uma superestrutura para que ele esteja virtualmente representado “porque o poder no ocidente é o que mais se mostra, portanto o que melhor se esconde (...) as relações de poder estão talvez entre as coisas mais escondidas no campo social” (Foucault, 2006, p. 237) e deste modo, mantêm-nos ludibriados a respeito de sua mecânica eficaz de ação, fazendo enganar-nos quanto a sua efetiva correspondência, quando ninguém o possui e este não se deixa ser apreendido por ninguém.

Portanto, como compreender um fenômeno como este que para funcionar em seu “cinismo” necessita de uma representação macro-estrutural e simultaneamente mantêm-se velado em sua forma mais efetiva, entretanto, enfraquecido quando vinculado ao aparelho jurídico-político do Estado?

Teríamos que percebê-lo ao nível da “esfinge”, a qual inquieta seus observadores inquirindo e exigindo uma resposta acertada para livrar-lhes de serem devorados por ela? – “Decifra-me ou devoro-te!”?

Nem tanto, mas também não busquemos um sistema simples ao que corresponde ao conceito e a mecânica do poder na perspectiva de Foucault. Uma vez que tal fenômeno não se fixa em nem um local determinado nem tanto em um sujeito específico, apenas atravessa-os momentaneamente em sua movência e deslocamento. Mas não corresponderá a um fenômeno enigmático, que nos exija um complexo raciocínio ou uma transcendência material à sua compreensão, como mesmo afirma Foucault “a verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeito regulamentados de poder” (Foucault, 2006, p. 12).

Destarte, não estaremos distantes de uma solução concernente ao conceito de poder, se ligarmos todas estas peças fragmentadas para formarmos o mosaico exposto por Foucault denominado poder. Obviamente Foucault descarta a possibilidade de um poder “onipresente”, que se encontra sobre uma estrutura social e possua controle absoluto sobre a mesma, absorvendo e captando todos os eventos e acontecimento de maneira soberana. O modelo inverso de análise mostrar-se-á mais eficiente, ao concebê-lo a partir das relações mais capilares e ínfimas no cerne social, onde ninguém está no poder nem o possui, estando representado pelos embates entre discursos, estratégias, resistências, saberes e conhecimentos múltiplos dentro de um determinado contexto sócio-cultural. Diferentemente de um foco único de poder, onde todas as decisões seriam adotadas a partir da tomada de posição de um sujeito ou de um grupo específico que se encontrando em caráter hegemônico codificaria e prescreveria normas e leis.

O poder é concebido na ótica de Foucault(2006) como resultado de um complexo processo, onde varias estratégias agrupam-se, repelem-se, transformam-se, apóiam-se sempre em cadeia, formando uma robusta rede de micro poderes com especificidades peculiares no cerne dos acontecimentos infinitesimais da sociedade.

Ora, com essa concepção Foucault(2006) não estará negando uma estrutura de poder que funcione ao nível do aparelho de Estado, no entanto, sumariza a existência primeira do poder a partir das micro relações que encadeiam-se engendrando estratégias globais, ou de conjunto, a partir das contradições e embates, assim como, das resistências que lhe são inerentes em seu exercício e funcionamento no âmbito ínfimo das relações. A partir dos embates e encadeamentos das estratégias, que serão veiculadas por dispositivos de “saber-poder”, quando estes últimos possuirão caráter e incumbência de controle, possibilitando a formação de blocos que de maneira centrípeta

e em sentido ascendente terá sua representação “virtual” através da forma mais frágil de seu funcionamento e terminal de suas próprias manobras: a política.

Neste sentido, o poder em sua especificação e correspondência estará em sua forma efetiva e forte nas ramificações marginais de sua própria representação, não significando uma cristalização nem ponto inerte dos embates, uma vez, que em sua representação macro estrutural estarão intrínsecas as resistências: ponto passível de transformação.

As representações mais diretas no cerne social dos pontos de apoio e resistências com relação às manobras estratégicas serão mais visíveis em seus funcionamentos no campo da medicina, da psiquiatria, da pedagogia e da justiça, que através da formulação e apropriação da verdade - possível pelo dispositivo “saber-poder”- desenvolverá conhecimentos utilizando-se dos indivíduos como objeto de análises e de aplicação de tais conhecimentos, num duplo condicionamento. Quando o próprio sujeito é produtor e suporte das manobras estratégicas deste dispositivo, na formação de verdades, assim como, na manutenção e funcionamento do poder em suas múltiplas especificações.

Portanto será mais acertada nossa interpretação do conceito de poder, desvinculando-o de uma superestrutura e de sua subjacência às censuras ou proibições, pois o poder representa antes de tudo um fenômeno produtivo, mesmo que aparentemente possua caráter de interdição, será possível observar todo o mecanismo produtivo paralelo e simultâneo às supostas interdições.

O poder durante os deslocamentos da história manifestar-se-á de várias maneiras, como sabemos encontra-se desde as relações interpessoais aos grandes blocos de controle da sociedade, representados por discursos que condizem às construções de conhecimentos específicos, quando são conferidos atributos de “verdades” a tais construções por instituições incumbidas na classificação e disseminação, como igualmente, do controle destes discursos sobre as “verdades” no âmbito social.

Os deslocamentos cursados por este fenômeno durante os interstícios históricos serão permeados desde as práticas que valorizavam objetos intangíveis como a “alma”, que para os ascéticos constituía-se em uma “verdade”, assim como a produções científicas, as quais desde a Idade clássica norteiam as relações de poder nos países ocidentais. O poder praticado em qualquer momento histórico sempre estará intrínseco a

estratégias que possibilitam seu funcionamento, numa determinada relação, sempre veiculado aos discursos.

Portanto, não se deve buscar quem se encontra em posição de vantagem em uma relação de poder ou quem é privado de poder, assim como será de desnecessária importância questionar a que “dominação global”* os discursos sobre a “verdade” servem em tais relações. Deve-se atentar a outros fatores que não estes referentes a uma dominação qualquer em um momento determinado, entretanto, precisa-se buscar os resultados destas relações de poder, em seus deslocamentos estratégicos nos interstícios históricos em toda sua força criativa, responsável por nossa constituição intelectual e identitária aos quais encontramos subsumidos e determinados em suas tramas.

REFERÊNCIAS

BRAGA JUNIOR, Marcos. **Michel Foucault: a legitimidade e os corpos políticos**. Barueri: Manole, 2007.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Trad. Cláudia Sant’anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DROIT, Roger-Pol. **Michel Foucault: entrevistas**. São Paulo: Graal, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**. A vontade de saber. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ranalheite. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. **Resumo dos cursos do Collège de France**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Ditos e escritos**. Vol. V, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. **Ditos e escritos**. Vol. II, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

_____. **Microfísica do poder**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

_____. **Histoire de la sexualité I**. La volonté de savoir. Paris: Gallimard, 2007.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2008.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso**. São Carlos: Claraluz, 2008b.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a ciência e o saber**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais.** São Carlos: Claraluz, 2005.

SARGENTINI, Vanice; NAVARRO-BARBOSA, Pedro. **M. Foucault e os domínios da linguagem.** São Carlos: Claraluz, 2004.